

Justificação da Teologia como Disciplina Intelectual

Robert L. Reymond

Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto / felipe@monergismo.com

Contudo, a teologia, como definida acima,¹ têm experimentado tempos difíceis. Alguém pode lembrar aqui da definição zombeteira de um teólogo, feita por Søren Kierkegaard, como “um professor do fato que Outro sofreu”,² enquanto Jaroslav J. Pelikan lembra que os equivalentes mais próximos do termo “teólogo” no Novo Testamento são “escribas e fariseus”³; tais afirmações não ajudam a fazer a obra do teólogo mais atraente à igreja ou ao mundo de forma geral. De fato, à medida que o mundo tem se tornado crescentemente uma “cidade secular”, mais e mais homens e mulheres, tanto dentro como fora da igreja, argumentam que é impossível até mesmo dizer algo significativo sobre Deus. Nesse sentido, Gordon H. Clark começa seu livro *In Defense of Theology* [Em Defesa da Teologia] com a seguinte avaliação: “A teologia, outrora aclamada ‘a Rainha das Ciências’, dificilmente chega ao posto de cozinheira hoje; ela é frequentemente desprezada, considerada com suspeita, ou simplesmente ignorada”.⁴ Se o julgamento de Clark estiver correto, o cristão poderia muito bem achar que deve desistir completamente da teologia como disciplina intelectual e dedicar seu tempo a alguma ocupação mental mais promissora. A questão pode ser formulada explicitamente: Como a teologia – construída como uma disciplina intelectual que merece o mais alto interesse da igreja e a ocupação perpétua das mentes humanas – deve ser justificada hoje? Ainda mais explicitamente: Por que eu deveria, como um cristão, me engajar durante toda a minha vida na reflexão acadêmica da mensagem e conteúdo da Sagrada Escritura? E por que eu deveria continuar a fazer isto na forma particular que a igreja (em seus melhores momentos) tem feito no passado? Eu oferecerei as seguintes cinco razões pelas quais deveríamos nos engajar no empreendimento teológico:

1. O método teológico do próprio Cristo;
2. O mandato de Cristo para sua igreja discipular e ensinar;
3. O modelo apostólico;
4. O exemplo e atividade do Novo Testamento apostolicamente aprovados;

¹ Nota do tradutor: Na introdução, o autor define teologia da seguinte forma: “Como a própria palavra sugere, “teologia” (do latim *theologia*, e do grego *θεολογία*, *theologia*) em seu sentido mais amplo fala do discurso intelectual ou racional (“arrazoado”) sobre Deus ou as coisas divinas”.

² Søren Kierkegaard, *Journals*, ed. and trans. Alexander Dru (Oxford: Oxford University Press, 1938), no. 1362.

³ Jaroslav J. Pelikan, “The Functions of Theology”, em *Theology in the Life of the Church*, ed. Robert W. Bertram (Philadelphia: Fortress, 1963), 3.

⁴ Gordon H. Clark, *In Defense of Theology* (Milford, Mich.: Mott, 1984), 3.

5. A própria natureza da Sagrada Escritura.

O Método Teológico do Próprio Cristo

Todos os quatro Evangelistas descrevem Jesus de Nazaré como entrando profundamente no engajamento da mente com a Escritura e extraíndo a partir dela deduções fascinantes sobre si mesmo. Por exemplo, em inúmeras ocasiões, ilustradas pelas seguintes passagens do Novo Testamento, ele aplicou o Antigo Testamento a si mesmo:

Lucas 4:16–21: “Indo para Nazaré, onde fora criado, entrou, num sábado, na sinagoga, segundo o seu costume, e levantou-se para ler. Então, lhe deram o livro do profeta Isaías, e, abrindo o livro, achou o lugar onde estava escrito:

O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos, e apregoar o ano aceitável do Senhor. Tendo fechado o livro, devolveu-o ao assistente e sentou-se; e todos na sinagoga tinham os olhos fitos nele. Então, passou Jesus a dizer-lhes: Hoje, se cumpriu a Escritura que acabais de ouvir.

João 5:46: “Porque, se, de fato, crêsseis em Moisés, também crerieis em mim; porquanto ele escreveu a meu respeito”.

Lucas expressamente nos informa que mais tarde, “começando por Moisés e por todos os profetas, [o Cristo glorificado] *explicava-lhes* [διερμήνευσεν, *diermēneusen*] o que dele se achava em todas as Escrituras” (Lucas 24:27; veja também 24:44–47). *Tal engajamento extensivo da mente na exposição da Escritura envolveu nosso Senhor numa atividade teológica no mais alto sentido concebível.* É o próprio Cristo então que estabeleceu para sua igreja o padrão e o fim de toda teologização – o *padrão*: devemos fazer da exposição da Escritura a base da nossa teologia; o *fim*: devemos chegar finalmente nele em todos os nossos labores teológicos.

O Mandato da Igreja para Discipular as Nações

Após determinar para sua igreja o padrão e o fim de toda teologia, o Cristo glorificado comissionou sua igreja para discipular as nações, batizar e ensinar seus seguidores a obedecer tudo o que ele tinha lhes ordenado (Mateus 28:18–20). A Grande Comissão então coloca sobre a igreja demandas *intelectuais* específicas. Há a demanda *evangelística* de contextualizar sem comprometer a proclamação do evangelho, para satisfazer as necessidades de cada geração e cultura. Há a demanda *didática* de correlacionar o registro multiforme da Escritura em nossas mentes e aplicar este conhecimento a todas as fases do nosso pensamento e conduta.⁵ E há a demanda *apologética* de justificar a existência do Cristianismo como a religião revelada de Deus e proteger sua mensagem de adulteração e distorção (veja Tito 1:9). A teologia surgiu na vida

⁵ Veja John Murray, “Systematic Theology,” *Westminster Theological Journal* 25 (May 1963), 138. Este artigo foi reimpresso no *Collected Writings of John Murray* (Edinburgh: Banner of Truth, 1982) 4:1–21.

da igreja em resposta a estas demandas concretas da Grande Comissão. O empreendimento teológico serve então a Grande Comissão, à medida que busca explicar duma maneira lógica e coerente para os homens de todo lugar a verdade que Deus revelou na Sagrada Escritura sobre si mesmo e o mundo que ele criou.

O Modelo Apostólico

Tal atividade levando a igreja ao engajamento na teologia é encontrada não somente no exemplo e ensino de Jesus Cristo, mas também no resto do Novo Testamento. Paulo não gastou tempo após seu batismo em seu esforço de “provar” (συμβιβάζων, *symbibazōn*) aos seus compatriotas judeus que Jesus era o Filho de Deus e o Cristo (Atos 9:20–22). Mais tarde, como um missionário experiente ele entrou na sinagoga em Tessalônica “e por três sábados, *arrazoou* [διελέξατο, *dielexato*] com eles acerca das Escrituras, *explicando* [διανοίγων, *dianoigōn*] e *provando* [παρατιθέμενος, *paratithemenos*] ter sido necessário que o Cristo padecesse e ressurgisse dentre os mortos” (Atos 17:2–3). O instruído Apolo “com grande veemência convencia publicamente os judeus, *provando* [ἐπιδεικνύς, *epideiknys*] pelas Escrituras que Jesus era o Cristo” (Atos 18:28).

Nem a “teologização” evangelística de Paulo estava limitada à sinagoga. Enquanto esperando por Silas e Timóteo em Atenas, Paulo “arrazoou” (διελέγετο, *dielegeto*) não somente na sinagoga com os judeus e os gregos tementes a Deus, mas também na praça, dia a dia, com aqueles que apareciam ali (Atos 17:17). Isto lhe rendeu um convite para falar no Areópago, o que ele fez em termos que puderam ser entendidos pelos filósofos epicureus e estóicos reunidos ali, sem qualquer acomodação da sua mensagem ao que eles estavam preparados para crer. Então, em adição a este período de três meses em Éfeso, durante o qual ele falou ousadamente na sinagoga “argumentando persuasivamente” sobre o reino de Deus (Atos 19:8), Paulo “dialogava” diariamente no salão de palestras de Tirano (dificilmente o nome que seus pais lhe deram; mais provavelmente, o nome que seus estudantes lhe deram), não hesitando, como diria mais tarde aos presbíteros de Éfeso, em pregar tudo que seria útil para eles e ensinar-lhes publicamente e de casa em casa, declarando tanto aos judeus como aos gregos que eles deveriam se voltar para Deus em arrependimento e fé em Jesus Cristo (Atos 20:20–21).

Também vemos na carta de Paulo aos Romanos sua exposição teológica da mensagem lhe confiada – tanto no esboço amplo e no conteúdo essencial do evangelho que ele pregou, como no método teológico que empregou. Deveria ser observado a brilhante “corrente teológica” da carta: como ele se move lógica e sistematicamente da miserável condição humana para a provisão de Deus de salvação em Cristo, então, conseqüentemente, para os resultados da justificação, as duas grandes objeções à doutrina (justificação pela fé somente concede licença para pecar e nulifica as promessas de Deus feitas a Israel como uma nação), e finalmente sobre a ética cristã que as misericórdias de Deus requerem de nós.

De forma alguma desacredita a “inspiração” de Paulo (veja 1 Tessalonicenses 2:13; 2 Pedro 3:15–16; 2 Timóteo 3:16) reconhecermos que ele refletia e reforçada suas conclusões teológicas por apelos às conclusões antigas, à história

bíblica, e até mesmo ao seu próprio relacionamento com Jesus Cristo, à medida que aclarava sua percepção doutrinária do evangelho de Deus sob a superintendência do Espírito. Uma pessoa acha estas reflexões e deduções teológicas embutidas em Romanos no próprio cerne de algumas das mais radicais afirmações de Paulo. Por exemplo, pelo menos dez vezes, após declarar uma proposição específica, Paulo pergunta: “Que diremos, pois?” e começa a “deduzir por boa e necessária consequência” a conclusão que ele desejava que seus leitores alcançassem (Romanos 3:5, 9; 4:1; 6:1, 15; 7:7; 8:31; 9:14, 30; 11:7). No capítulo quatro, o apóstolo extrai as conclusões teológicas de que a circuncisão é desnecessária para a bênção da justificação e que Abraão é o pai espiritual dos gentios crentes incircuncisos a partir da simples observação, baseada na história do Antigo Testamento, de que “Abraão creu no SENHOR, e foi-lhe imputado isto como justiça” (Gênesis 15:6) cerca de quatorze anos *antes* de ele ser circuncidado (Gênesis 17:24) – deduções *teológicas* impressionantes extraídas em seu ambiente religioso e cultural particular a partir da relação “antes e depois” entre dois eventos *históricos*! Então, para provar que “no tempo de hoje, sobrevive um remanescente segundo a eleição da graça” (Romanos 11:5), Paulo simplesmente apela para seu próprio status de um judeu cristão (Romanos 11:1); novamente, uma afirmação teológica impressionante derivada do simples fato da sua própria fé em Jesus.

O modelo apostólico de exposição, reflexão e dedução a partir da Escritura apóia nosso engajamento no empreendimento teológico. Se tivermos de ajudar nossa geração a entender as Escrituras, devemos também deduzir e arranjar conclusões a partir do que temos ganhado dos nossos labores exegéticos na Escritura e estarmos prontos para “dialogar” com os homens. O engajamento nesta tarefa e o resultado dela é teologia.

A Atividade da Igreja do Novo Testamento

O engajamento das nossas mentes na teologia como uma disciplina intelectual baseada nas Sagradas Escrituras ganha apoio adicional a partir da atividade da igreja do Novo Testamento. O Novo Testamento chama nossa atenção repetidas vezes para um corpo de verdade salvadora, como em 2 Tessalonicenses 2:15 – “as tradições”, Romanos 6:17 – “o padrão de doutrina”, Judas 3 – “a fé que uma vez por todas foi entregue aos santos”, 1 Timóteo 6:20 – “o depósito”, e “os ditos fiéis” de Paulo nas cartas pastorais (1 Timóteo 1:15; 3:1; 4:7-9; 2 Timóteo 2:11-13; Tito 3:4-8). Estes termos e frases descritivas indicam que já nos dias dos apóstolos o processo teologizador de refletir sobre a Escritura e comparar Escritura com Escritura, combinando, deduzindo, e formando declarações doutrinárias em fórmulas de credo – que se aproximavam do caráter das confissões da igreja – já tinha começado (exemplos destas fórmulas de credo podem ser vistas em Romanos 1:3-4; 10:9; 1 Coríntios 12:3; 15:3-4; 1 Timóteo 3:16, bem como os “ditos fiéis” das Pastorais).⁶ Além do mais, tudo isto foi feito com o pleno conhecimento e aprovação dos apóstolos. De fato, os próprios apóstolos estavam pessoalmente envolvidos neste processo de teologização. Em Atos 15:1-16:5, por exemplo, os apóstolos trabalharam como presbíteros na atividade deliberada de preparar uma resposta teológica conciliar para o assunto então considerado para a instrução da igreja.

⁶ Uma excelente análise deste material pode ser encontrada em J. N. D. Kelly, “Creedal Elements in the New Testament”, em *Early Christian Creeds* (London: Longmans, Green, 1950).

Por conseguinte, quando nós hoje, sob a direção do Espírito de Deus e em fé, chegamos à Sagrada Escritura e com nossas melhores ferramentas intelectuais fazemos um esforço para explicar suas proposições e preceitos, relacionamos suas operações no mundo, sistematizamos seus ensinamentos e formulamos os mesmos em credos, e propagamos sua mensagem ao mundo, nos posicionamos com honestidade no processo teologizador já presente e conduzido pela igreja do período apostólico.

A Inspiração e Autoridade Divina da Sagrada Escritura

Como argumentaremos na parte um [deste livro], a Bíblia é a Palavra de Deus revelada. Cristo, o Senhor da igreja, considerava o Antigo Testamento como tal, e ele deu à igreja ampla razão para considerar o Novo Testamento da mesma forma. Isto significa que o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo – de fato, o Deus Triúno – “realmente existe e tem falado”. Se existe, então ele deve ser alguém que as pessoas deveriam conhecer. E se ele tem falado a nós em e pelas Escrituras do Antigo e Novo Testamento, então este fato sozinho é suficiente para garantir o estudo das Escrituras. Em outras palavras, se Deus revelou a verdade sobre si mesmo, sobre nós, e sobre o relacionamento entre ele e nós na Sagrada Escritura, então deveríamos estudar a Escritura. E o fato é simples como isto! De fato, se tomarmos seriamente a verdade bíblica de que somente à luz da Palavra de Deus entenderemos algo qualquer como deveríamos (Salmos 36:9), devemos estudar a Sagrada Escritura, ou o que equivale à mesma coisa, devemos engajar nossas mentes na busca da verdade *teológica*. Não estar interessado no estudo da Sagrada Escritura, *se o único e verdadeiro Deus revelou a si mesmo nela*, é o ápice da tolice espiritual.

Por estas cinco razões, a igreja deve permanecer comprometida à tarefa teológica. E ela pode fazer isso com a plena certeza de que seus labores não serão uma perda de tempo e energia, pois nenhuma busca intelectual provará ser mais recompensadora no final do que a aquisição de um conhecimento de Deus e de seus caminhos e obras. De fato, tão claro é o mandato escriturístico para o empreendimento teológico que a questão primária da igreja não deveria ser se ela deveria se engajar ou não na teologia – o Senhor da igreja e seus apóstolos não nos deixaram opção aqui. A igreja deve se engajar na teologia se quiser ser fiel a ele. Antes, o que deveria ser de grande preocupação para a igreja é se ela está ou não, em seu engajamento na teologia, ouvindo tão séria e submissamente como deveria à voz do seu Senhor falando à sua igreja na Sagrada Escritura. Em suma, a preocupação principal da igreja deveria ser, não decidir se engajar ou não na teologia, mas responder a pergunta: A nossa teologia é correta? É ortodoxa? Ou talvez melhor ainda: é *bíblica*?

Fonte: Robert L. Reymond, *A New Systematic Theology of the Christian Faith*, 2nd Edition - Revised and Updated, p. xxvi-xxxi.